

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Vida doméstica e patriarcalismo no final do Império e no pós-escravidão: as criadas na literatura pernambucana do período

Maciel Henrique Silva*

Resumo: Trata-se de um estudo sobre a vida doméstica em Pernambuco, na segunda metade do século XIX, a partir de representações literárias relativas ao patriarcalismo e às criadas.

Palavras-chave: Patriarcalismo – Escravidão – Literatura

Abstract: This paper, based on literary representations of patriarchy and housekeepers, studies domestic life in 19th Century Pernambuco.

Keywords: Patriarchy – Slavery – Literature

Fundada em 1901, a Academia Pernambucana de Letras (APL) guarda precioso material para o historiador social que enfoque o século XIX e décadas iniciais do XX. Textos diversos apontam para costumes antigos, práticas esquecidas, memórias submersas, linguagens hoje estranhas. Recentemente, sob organização do escritor Lucilo Varejão Filho, a Academia decidiu reeditar romances com sabor de tempos idos, que marcaram a própria origem da instituição. Assim, obras até então esquecidas ou conhecidas apenas por especialistas vieram a lume. Não obstante o sabor de monumentalização, efeito comum desses projetos, esses livros reeditados constituem riquíssimas fontes para o historiador, e auxiliam a construir narrativas, a caminhar por temas e problemas do Recife de outrora.

São esses os registros que vamos interrogar: *Seu Candinho da Farmácia* (1933) e *Os Azevedos do Poço* (1938), os chamados romances urbanos de Mário Sette; e *Senhora de Engenho* (1921), romance rural de Sette; *A Emparedada da Rua Nova* (publicado em folhetins entre 1909 e 1912), de Carneiro Vilela; e *Passionário* (1897), de Theotônio Freire.

Carneiro Vilela, recifense nascido em 1846, viveu integralmente a segunda metade do século XIX, vindo a falecer em 1913. Ele, Theotônio Freire e outros fundaram a APL. Ao contrário de Freire, que estudou na Escola Normal do Rio de Janeiro, teve formação em

* Doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; Pesquisador do GEHSCAL-UPE; Prof. do CEFET-PE.

Direito pela Faculdade de Direito do Recife; sobre Freire, paira alguma confusão sobre sua origem: diz-se que teria nascido no Rio Grande do Norte. Seja como for, é considerado escritor pernambucano. Registra-se seu nascimento no Recife, no ano de 1863, e sua morte em 1917, na mesma cidade.

O recifense Mário Sette também nasceu no século XIX, em 1886, tendo falecido em 1950. Embora vinculado ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, e vindo a ingressar na APL em 1922, foi sempre um autodidata. Sua produção, às vezes difícil de caracterizar, o situa como cronista, historiador, escritor, memorialista. Escrevia e lia fluentemente em francês, e esposava, não obstante pertencer a uma modesta classe média, os valores aristocráticos da elite açucareira pernambucana (ALMEIDA: 2000). Portanto, todos esses escritores são herdeiros diretos do XIX, e este século continuará a persegui-los em sua produção. A escravidão, as relações domésticas, os gestos, a paisagem, as tradições, tudo irá servir de contexto para conferir sentido às representações aqui discutidas.

Os romances, certamente, não pairam acima da história, inatingíveis, transcendentais, como produção descolada do real. Se eles não se reduzem à mera cópia do real, também não fogem a uma certa “lógica social” que se precisa desvendar (PEREIRA, CHALHOUB: 1998, pp. 7-13). Portanto, devemos interrogá-los sem cerimônias, historicizá-los, inserindo autores e obras no processo histórico. Não é sem razão que o sociólogo Sebastião Vila Nova fala de uma “realidade social da ficção”, e da possibilidade de se investigar uma dada estrutura social a partir de textos ficcionais e seus significados (VILA NOVA: 2005, pp. 29-59).

A relação entre História e Literatura enquanto disciplinas, como se vê, não será o foco da análise, uma vez que tratamos aqui o texto literário enquanto fonte histórica, como aporte para se alcançar elementos da realidade social, como representações verossímeis, às vezes utópicas, das relações sociais em dada época. Seria ingênuo pensar tais textos como “retratos” de uma “realidade objetiva”.¹

Escritores, antes do que os historiadores, sempre foram atentos às situações cotidianas, aos detalhes miúdos da vida doméstica, aos temas que, mais tarde, passaram a compor o imenso leque de preocupações dos historiadores.

As criadas e a vida doméstica recifense na segunda metade do século XIX

¹ Sobre as complexas relações entre História e Literatura, penso, como Luiz Costa Lima, que o historiador necessita da “aporia da verdade do que ocorreu”, e seu texto, portanto, difere do texto do ficcionista. Cf. LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 22.

Em *Seu Candinho da Farmácia*, Mário Sette escolheu como cenário o bairro de São José na década de 1920, ainda de ruas estreitas e sinuosas, de costumes antigos, lar de uma classe média. O tema do romance é a maledicência, e sobre ela se estrutura todo o enredo até seu desfecho. José da Penha, afilhado de Candinho Tamarindo, casado com uma mulata, comprara a farmácia do padrinho, e, entretanto, iria depois sofrer a concorrência do velho farmacêutico que abrirá nova farmácia para levar o afilhado à falência, usando os recursos vis da maledicência.

As criadas estão em toda parte. Logo na primeira página, na sala de jantar, serve à mesa, muda os pratos, enquanto os patrões Genoveva e José da Penha “Calaram-se discretamente” (SETTE: 2005, p. 23). A criada não deveria ouvir detalhes da vida íntima dos pequenos burgueses. A relação é sóbria, discreta, os lugares sociais estão marcados, a criada serve e retorna à cozinha, e então os patrões continuam a conversa interrompida. A empregada não tem cor. Sette silencia neste ponto. Podia ter qualquer cor. A própria Genoveva, após a concorrência da farmácia de Candinho, fará “bolos para fora” (Idem: p. 28, 193).

Seu Candinho não era santo. Era um “requestador”. Insinua-se, na conversa de Genoveva, que ele traía sua esposa com as criadas: “Agüentar um homem daqueles... saber o que sabia... ver o que via até dentro da própria casa!...” (Idem: p. 24). O velho, apesar da fama de honrado, cortejava esposas de outros, desencaminhava *copeiras*. Sua predileção, as negras... Ele também mirava as operárias (Idem: p. 98, 117). Mas ele gostava mesmo de negras e mulatas: “Sempre foi caído por carvão...” (Idem: p. 142), diziam. Constrói-se a representação de um conquistador de criadas: “Forte homem para gostar de rabos de saia... Até com as amas!” Mas não só ele: outro personagem, também velho, “vive por aí a seduzir as criadinhas alheias, sacudindo as pobres na perdição” (Idem: p. 79, 80). A imagem da objetificação sexual das criadas sempre aparece. Na descrição dos carnavais antigos, Sette não esquecerá de dizer que as misturas envolviam “o patrão de uma casa com a copeira da outra” (Idem: p. 61). Aqui o tom do narrador é de memorialista: tudo é maravilhoso, alegre inversão...

Não sendo propriamente uma criada, mas cozinheira de fama no bairro, a canjiqueira Maria Joana, crioula escura filha de antiga escrava, é importante personagem do romance. Seduzindo Candinho, estimula-o a reabrir a farmácia que levará o afilhado dele à falência, porque queria empregar o sobrinho como administrador. Era sócia de prestígio do Clube Carnavalesco Canjiqueiras, do qual fora presidente. Depois que um namorado “fizera-lhe mal e a abandonara”, vivia de fabricar canjica e vendê-la: “Honestamente”, diz Sette

(Idem: p. 88-90, 92). Mulher autônoma, apesar da “proteção” do velho, tinha dinheiro na Caixa Econômica. Cozinheira bem sucedida, fornecendo para hotéis e festas, não era criada de ninguém (Idem: p. 172-3). Tinha um conceito próprio de honra: homem que a sustentava não tinha “sócio”. (Idem: p. 182). Contudo, sofre com os preconceitos: é sempre uma negra, e mais, canjiqueira: “Negra! Afoita! Vendedora de canjica!” (Idem: p. 184 e 192).

As costureiras também têm o seu lugar. O carnaval não seria possível sem os trabalhos de agulha para as fantasias: muitas pessoas costuravam suas próprias fantasias ou contratavam costureiras profissionais. Seja como for, a vida se tece (Idem: p. 53). E é uma criada que tece um dos fios mais decisivos do romance: compra um medicamento em uma farmácia (não sabe com clareza qual), provocando a morte de certa pessoa. Seu confuso depoimento vai ajudar a afundar o José da Penha, mesmo ficando a suspeita de que seria armação do rival, seu padrinho.

Bem, e como todo mundo fala de todo mundo, as criadas também falam de seus patrões. Na matriz de São José, numa Quinta-feira Santa cheia de gente, criticam os ricos do bairro da Boa Vista:

– *Olham para nós por cima dos olhos.*
 – *Muito luxo, mas também muito calote nas amas...*
 – *Eu que diga. E quando fui cobrar meu ordenado, recebi um baile danado da patroa, uma assanhada que dava corda a um primo... um banzé de cuia!*
 – *Também já fiquei sem 25\$000... um mês inteirinho. O patrão que era não sei que na polícia inda quis me botar na cadeia... (...).* (Idem: p. 140).

Em *Os Azevedos do Poço*, o contexto é o final do XIX, auge da família fictícia, até por volta de 1920, momento de decadência cuja causa maior será a modernização da cidade. O romance se passa nos bairros do Poço da Panela e do Recife. Poucos romances se esforçaram tanto por representar a decadência do patriarcalismo no meio urbano pernambucano: uma família de comerciantes nobilitados pelo casamento com aristocrática família de engenho terá sua saga contada.

A típica casa-grande de engenho aparece pouco, mas quando surge não falta a recorrente passagem em que patriarcas são descritos “festejando (...) uma mulatinha em serviços de mucama”, com o respectivo castigo cruel da Sinhá. As criadas continuam objeto de desejo, mesmo não sendo mais as escravas de outrora: o Afonsinho, filho do decadente Barão Zumba, representado como um “estróina e mau marido”: “fez tantas estripulias mesmo dentro de casa com as amas... uma de lá saiu de lá, assim, de nove meses...” (Idem: pp. 377-78).

No meio urbano, o patriarcalismo tem algumas faces que repetem o do meio rural. Há a soberba aristocrática e haveria ainda a doçura de Quininha, personagem que, por si só, representa o fim do *ethos* patriarcal: filha do Barão Zumba de Azevedo, mantinha relações íntimas com as escravas, de quem comia “bolotes de carne com farinha” que elas faziam. Delas ouvia histórias. Visitava o “quadro”, cortiço do Poço da Panela. E, pior e mais dramático: abandonou o casamento arranjado e casou-se com simples empregado da Empresa de Vapores, branco, irmão de boleiras famosas, mas pobres. Ao fim do romance, a romântica Quininha está na calçada com as crianças e “a criada”, pelo modo como Sette narra, sua única criada (Idem: pp.381-86, 454). É uma grande inflexão.

Não falta a imagem patriarcal da *mais humilde* e bondosa criatura da casa, a negra Sianinha que, alimentando o filho dos senhores com pirão de ovo, contava-lhe “histórias maravilhosas ao anoitecer” (Idem, p. 267). Malaquias, nascido logo após a Abolição, lembra de sua infância “embebida nos seus reflexos pela convivência da gente preta ainda cheia de obediência, de ternura, de dedicações.” (Idem: p. 268). Como a dizer: tempos bons que não voltam. Nem precisa dizer que os ex-escravos dos pais dele permaneceram na casa servindo fielmente.

Cenas da vida doméstica que já haviam encantando viajantes ainda pulsam: as lavadeiras do Poço da Panela. Personagens que, diz Sette, eram íntimas dos ricos do bairro, algumas já servindo como amas de leite quando jovens (tempos da escravidão), e que agora habitavam os casebres do cortiço: umas de taipa sem reboco, outros de flandres, outros de madeira (Idem: p. 282).

Em Sette, um dos sinais de decadência não é só “fazer bolos para fora”, é também costurar. O autor, leitor voraz de escritores franceses, evoca diretamente Zola e Hugo. Mulheres que trabalhavam para firma de tecidos e que recebiam em troca um “salário somítico” são descritas como arrimos de pais invalidados ou de filhos órfãos, mantenedoras de casas cujos maridos preferiam as amantes a trabalhar, mulheres grávidas sem promessa de casamento, solteironas. Enfim, toda um rol de “infortúnios, sacrifícios, dedicações, paciências, penúrias” (Idem: pp. 388-89).

Nos Romances Rurais, Sette vai contrapor, romanticamente, a vida rural à vida urbana; os “costumes simples e castos” do campo aos da cidade moderna e artificial (SETTE: 2005, p. 21).² Em *Senhora de Engenho* narra-se a vitória do rural sobre o urbano. Escrito em 1921, tenta resgatar os valores rurais de uma elite decadente, que precisa se adaptar às

² A APL reeditou os Romances Rurais e Urbanos no mesmo ano, mas em volumes separados. A paginação, portanto, a partir de agora, refere-se ao vol. 5 da Coleção.

modernidades mas sem perder as tradições do Norte. Há forte tom regionalista: ser nacional é ser autenticamente regional. Escolheu-se Tracunhaém, município da Zona da Mata pernambucana, onde, na descrição dos engenhos, Sette derrama-se em passagens belas e idílicas. Fala-se pouco de criadas, mas é claro que na casa-grande do engenho Águas Claras elas existem.

Só idílio: em Águas Claras, os servos são sempre “amorosamente acolhidos”, pois “Era tradicional Águas Claras pela doçura dos seus costumes, da sua disciplina, desde os tempos do cativo. Feita a abolição, nenhum escravo abandonou”. Paraíso para onde fugiam os escravos maltratados de “outros engenhos”. (Idem: p. 100). Mesmo assim, quando um grupo de senhoras de engenho se reúne e o assunto se estende à vida doméstica, surgem os “sussurros contra a criadagem que se amalandrava”. (Idem, p. 106). Saudades da escravidão. Mas nada de maiores tensões, apenas os cuidados com a nora afligem a dona do engenho, que cozinha com suas próprias mãos, sem o auxílio das criadas, quitutes para agradar a nora grávida (Idem: p. 113). Também na hora de costurar o enxoval da criança, as mulheres todas trabalham. Nem criadas são mencionadas (Idem: p. 120). Mas na procura por uma ama-de-leite, surge um problema: as do Recife não são confiáveis, cheias de doenças. Resultado: rejeitam-se as amas do Recife e contrata-se a esposa de um vaqueiro do engenho (Idem: p. 136). Não há dúvida, as criadas do engenho são melhores que as da capital.

Eis que surge uma imagem ainda mais sombria e lúgubre do Recife: o contexto é a déc. de 1860; o escritor, Carneiro Vilela; o tema: a honra, o crime, os dramas domésticos. Em *A Emparedada*, o autor se apresenta ao leitor como narrador fiel de acontecimentos misteriosos, mas só pode assim proceder tendo como garantia uma escrava doméstica. Vendida para o Rio de Janeiro enquanto testemunha incômoda dos terríveis crimes ocorridos na casa, servira como criada na casa do narrador. A onisciência dela é a onisciência do narrador. (VILELA: 2005, p. 466).

Portanto, todas as cenas amorosas, a gravidez de Clotilde, os assassinatos, as confissões dos dramas amorosos, tudo é percebido ou entrevisto pelos criados. A trama toda, carregada de mistérios, não faria sentido sem, de um lado, a investigação de um personagem (o Jereba), e de outro, a presença das criadas e a intimidade conquistada aos senhores. São elas que testemunham a desonra de seus amos, os acessos de cólera, os encontros furtivos (quando não são elas mesmas a estimular esses encontros). É a escrava da filha de Jaime Favais que, como “demônio familiar” (expressão do autor que remete à peça homônima de José de Alencar), “soprava-lhe ao ouvido as palavras de tentação e exaltava-lhe a imaginação e os sentidos”, dirimindo qualquer dúvida da jovem se devia ou não se dirigir ao encontro do

homem. Ela irá. A escrava servirá de sentinela. E esse é um dos episódios centrais da trama (Idem: p. 290).

Aparentemente um folhetim pouco pretensioso, fica um registro dramático do declínio do patriarcalismo urbano. A honra passa a ser comprada (vira negócio) e, além disso, o colapso do poder do pai/marido fica evidente quando ele precisa recorrer a crimes hediondos para sujeitar esposa e filha, e lavar sua honra. É nas atitudes de paroxismo que a autoridade patriarcal mostra sua fraqueza na segunda metade do XIX (Idem: p. 385, 461-62 e ss).

Influenciado pelo romantismo, as cenas romanescas têm sabor de crônica minuciosa, mas não de realismo. Entretanto, na descrição das cenas mais prosaicas, o autor busca a precisão: uma escrava doméstica seria desperta de seu sono sobre uma esteira velha de periperi, aos gritos e “com um vigoroso ponta-pé”, mal vestida com um “xale de lã sujo e esburacado”, erguendo-se “logo de um salto, como habituada àquela espécie de despertador.” (Idem: pp. 215-16) Trata-se de uma escrava para todo o serviço.

Enquanto Vilela põe criadas como agentes condicionantes da trama, Theotônio Freire situa uma costureira como personagem principal de *Passionário*. Lúcia, entretanto, inicia o romance como costureira e mulata, mas após um constante investimento moral e cultural, transmuta-se completamente em Senhora, adotando o *ethos* burguês de suas freguesas. Estuda a língua vernácula e o francês, adquire as etiquetas das mulheres para as quais costurava, adorna sua virgindade e beleza para regenerar o homem branco que desejava apenas possuí-la pela luxúria, como amante (FREIRE: 2005, p. 95, 158). Imagens invertidas: a costureira de origem social e racial inferior, nobilitada por esforço próprio (com auxílio da profunda religiosidade), civiliza o homem branco decaído e de “instinto grosseiro” (Idem: pp. 154-55).

O autor, em texto marcadamente religioso e espiritualista, constrói uma das raras representações literárias de uma mulata casta. Nada aqui que lembre as mulatas luxuriosas, reforçando o mito da mulata como “tipo anormal de superexcitada genésica”. Lúcia tinha tudo para cair na prostituição ou viver em relações consensuais. O inverossímil está menos no argumento que no estilo do narrador: o derramamento religioso, a transferência abrupta da cultura de elite para Lúcia (em menos de um ano já lia francês, tinha maneiras e falas nobres), a minimização da influência cultural do grupo de convivência da costureira. Seja como for, Theotônio foi original na composição: criou um tipo de mulata burguesa, angelical, redentora do branco imoral e arrogante em possuir mulheres de todas as cores, mas derrotado pela muralha de castidade da mulata, com quem terminou se casando.

Conclusão

Mário Sette, em sua vida, sempre buscou escrever como se salvasse o passado, as tradições, os valores sociais mais caros à aristocracia pernambucana. Com profundo sentido de historicidade, suas representações se pretendem fidedignas. Mas o historiador não deve se enganar: muitas vezes o texto de Sette diz menos o que aconteceu e mais o que ele gostaria que tivesse acontecido. Isso fica evidente em seu *Senhora de Engenho*. Em *Os Azevedos*, constrói uma representação muito particular das mudanças sociais e econômicas do Recife na passagem do XIX ao XX: mistura o saudosismo romântico aos fatos inexoráveis dos novos tempos. De Vilela, apesar da imagem de verdade que reputa ao texto, pode-se dizer que fez um registro verossímil a partir de um enredo bastante fantasioso. Há um substrato de realidade na composição do folhetim: uma análise menos rápida pode vir a mostrar um Vilela bastante atento aos valores aristocráticos e sua crise na segunda metade do oitocentos. Theotônio Freire, na contra-mão de todos, traz menos episódios cotidianos das criadas, e transfere toda a atenção do leitor a uma costureira ideal que logo se transmutará na mulher ideal: casta, honrada, instruída. Construiu um mito. Vale a pena comparar as costureiras miseráveis e sofredoras de Sette com a Lúcia de Theotônio que, não obstante sofra também, seu sofrimento é mais psicológico que social.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Magdalena. *Mário Sette: o retratista da palavra*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000;
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo. (org.) *História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998;
- FREIRE, Theotônio. *Passionário e Regina*. Recife: Ed. do Organizador, 2005;
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006;
- SETTE, Mário. *Romances Urbanos*. Recife: Ed. do Organizador, 2005;
- _____. *Romances Rurais*. Recife: Ed. do Organizador, 2005;
- VILELA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 4ª ed. Recife: Ed. do Organizador, 2005;
- VILA NOVA, Sebastião. *A realidade social da ficção*. Recife: Massangana, 2005.